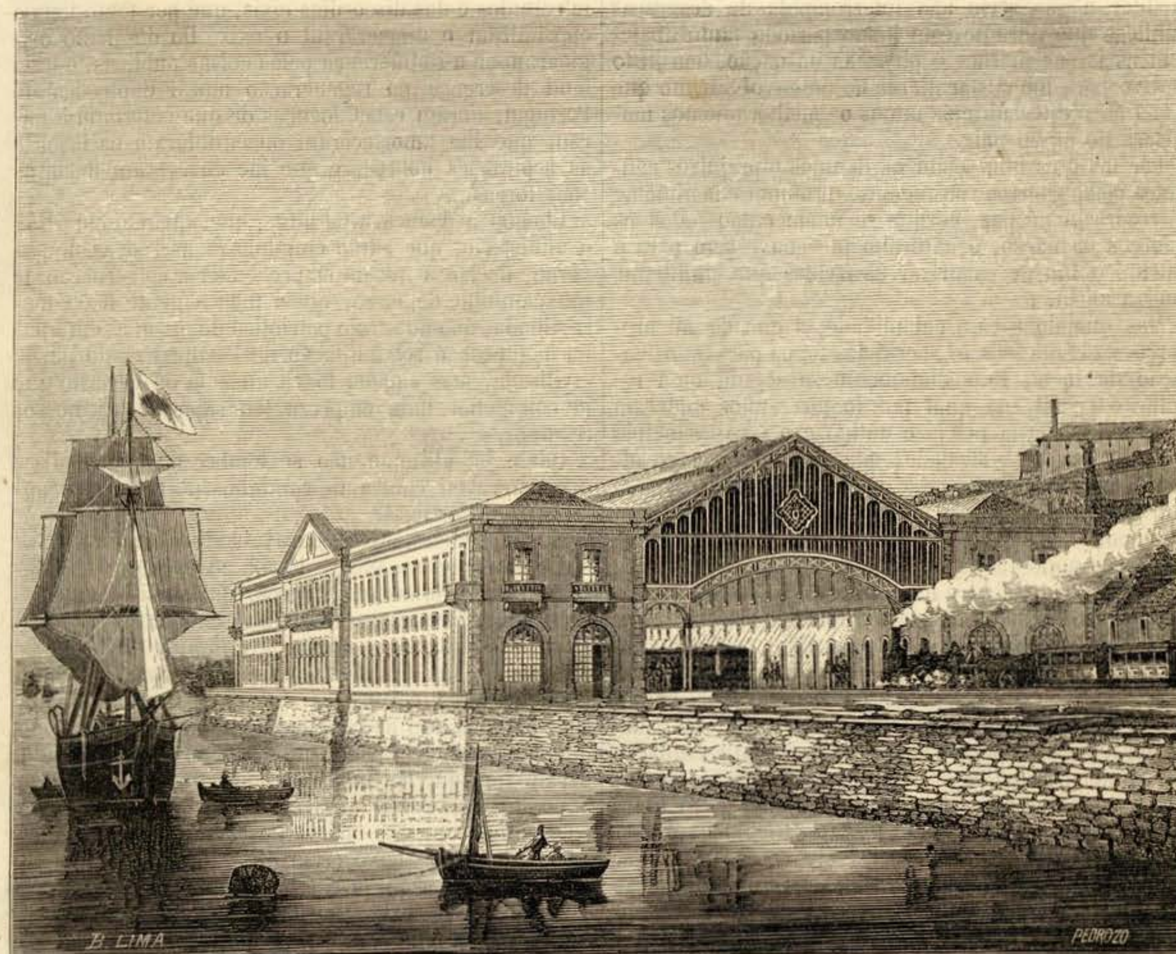
ARCHIVO PITTORESCO

SEMANARIO ILLUSTRADO

EDITORES, CASTRO IRMÃO & C.ª — GERENTE, P. W. DE BRITO ARANHA

Assignatura — Lisboa e Porto 2$000 réis — Provincias, pelo correio, 2$200 réis — Brasil, moeda fraca, 6$000 réis — numero avulso 50 réis
Escriptorio, rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio

9.º ANNO — 1866



Estação principal do caminho de ferro de norte e léste

PROLOGO

Dissemos ao abrir o VIII volume d'este semanario, que era esse o anno critico, ou, como superstíciosamente lhe chamavam os antigos, o anno climaterico para os jornaes litterarios em Portugal.

Até esse periodo parecem-se elles com a infancia do homem, que está sujeita a certas doenças; mas, escapando d'ellas, fica viavel e robusto.

Não quiz a sorte livrar-nos da lei commum, e o abalo que tivemos antes de findar o volume passado, nos obrigou a algum tempo de convalescença, isto é, de suspensão, pelos motivos que já manifestámos aos nossos assignantes.

Posto que ainda não resarcidos os damnos que nos occasionou a subita e lastimavel morte do benemerito fundador da *Sociedade Madrépora*, resolvemos progredir na empreza a que pozemos hombros, e redobrar esforços para alcançar a estabilidade de uma publicação que é de manifesto e reconhecido interesse publico.

Tambem nos foram de poderoso estimulo as promessas espontaneas de coadjuvação que recebemos de varios pontos do reino, e dos nossos concidadãos residentes no imperio do Brasil, perseverantes auxiliares de todas as emprezas que tendem ao engrandecimento e civilisação da nossa patria.

Com tão bons auspicios, entra hoje o *Archivo Pittoresco* em o IX anno da sua publicação, mantendo o plano que até agora tem seguido, porém alargando successivamente o quadro dos assumptos que a sua indole comporta, popularisando as noções da sciencia moderna a par das recordações da nossa grandeza antiga; e no tocante ás gravuras, reproduzindo não só os monumentos inéditos de Portugal, mas tambem os que ainda subsistem nas nossas possessões da Africa e da Asia.

A confrontação dos volumes publicados mostrará, que o *Archivo* tem de anno para anno augmentado o numero de gravuras originaes; o que principalmente provámos no ultimo volume.

As do presente volume não serão inferiores em numero, perfeição e interesse.

Podêmos asseverar que os srs. editores tem feito quanto cabe em suas forças e diligencia, para merecer o apoio dos que prezam a leitura util e amena.

Os Redactores.

CAMINHO DE FERRO DE NORTE E LÉSTE

ESTAÇÃO PRINCIPAL

Quem se recordar dos infortunios que tem pesado sobre Portugal desde o principio d'este seculo; quem meditar n'essa serie não interrompida de desgraças publicas que durante este longo periodo tanto abateram as forças moraes e physicas da nação, tem justo motivo para lhe custar a crer no desenvolvimento que tem tido n'estes ultimos annos os melhoramentos materiaes do nosso paiz.

Por maiores que sejam os damnos e prejuizos causados pelas guerras estrangeiras, prompta e facilmente se resarcem na paz, porque se unem então todos os esforços da nação, e naturalmente convergem para o patriotico fim de cicatrizar as feridas que similhante guerra abriu.

Mas quando a essa calamidade, a que deram proporções gigantescas os sacrificios feitos para a sustentação da lucta, immediatamente se seguiu uma revolução social, na qual por longos annos andaram travados em crua peleja o antigo e o novo principio constitutivos da sociedade; quando a victoria do ultimo, em vez de cimentar a paz publica, accendeu entre os proprios vencedores odios, que não tardaram a rebentar em discordias fratricidas, que por espaço de largos annos agitaram o paiz, ensanguentando-lhe o solo; então difficil e morosamente se curam os males originados por tantas e tão fortes causas.

N'este caso, que é o nosso, as difficuldades que se oppõem ao desenvolvimento do paiz não consistem unicamente na prostração e prejuizos que sobrevieram aos diversos ramos da industria; na ruina que padeceram numerosas fortunas particulares; na estagnação das principaes fontes da riqueza publica; no desequilibrio e confusão da fazenda do estado; e em todos os outros males que, como triste apanagio das invasões estrangeiras e das luctas civis, vieram actuar physicamente no corpo social. Peior que tudo isso são os effeitos moraes produzidos por mais de trinta annos de dissensões intestinas. Estes sim, estes é que constituem o maior, o mais invencivel obstaculo á regeneração do paiz; porque annullam, ou, pelo menos, enfraquecem e paralysam as forças vitaes da nação.

Foi pela acção entorpecedora d'esses effeitos fataes que Portugal chegou a apresentar um quadro de tanta miseria, e de tão deploravel decadencia; um quadro que nos envergonhava aos olhos do mundo, porque o mundo olhava sem piedade, antes com desdem e desprezo, para um povo que se definhava no meio das riquezas que a Providencia espalhára com mão prodiga em torno d'elle.

Era uma lastima, na verdade, por um lado ver o thesouro de Portugal em tamanha penuria, os servidores do estado tão mal recompensados e em tão penosas circumstancias, e o povo tão cheio de privações; e por outro lado ver inculta uma grande parte do paiz, incultos terrenos fertilissimos sob este ceo dispensador de innumeraveis graças e dons; escondida e inutil nas entranhas da terra infinita cópia de jazigos metallicos e de pedreiras de marmores formosos e variadissimos; ver tantos rios caudalosos levando quasi intacto ao Oceano o tributo das suas aguas, em quanto deixam sequiosas muitas searas das suas margens; ver o Tejo despovoado, deserto este amplissimo e magnifico porto, um dos mais bellos do universo, que parece fadado para receber e dar abrigo ao commercio e navegação de todas as nações maritimas; ver, em fim, quasi de todo desaproveitada esta soberba posição geographica, este posto commercial tão vantajosamente collocado nas orlas da Europa, proximo da Africa, e porta natural do continente europeu para os generos e passageiros vindos d'esse immenso e florente imperio do Brasil.

É a razão de toda essa lastima, a causa de se deixarem assim abandonados ou quasi em completo desprezo tantos e tão poderosos elementos de prosperidade, não foi outra senão o desalento, filho dos infortunios e das discordias civis, que por tanto tempo opprimiram e dilaceraram o paiz. Do desalento originaram-se a indifferença pelas coisas publicas, e uma fatal descrença na regeneração moral e physica de Portugal. Foram estas doenças de que enfermou a nação, que lhe amorteceram ou entibiaram os brios e as aspirações nobres, e que lhe enervaram todas as suas forças.

Chegou a doença a tal auge, que, quando em 1852 o ministerio, que então empunhava as redeas do governo, declarou que ia emprehender a construcção de um caminho de ferro, quasi toda a gente ficou maravilhada, não do arrojo patriotico de quem assim mettia hombros á rehabilitação de Portugal como nação civilisada, mas sim da louca audacia do governo que ia commetter uma empreza tão superior aos nossos recursos.

Quem ha ahi que não se lembre do que se disse e se escreveu contra os caminhos de ferro com applicação a Portugal?

Aos mais cordatos afigurava-se-lhes temerosos os sacrificios que era mister impor ao paiz para o dotar com tal melhoramento. Outros, indo mais longe nos seus terrores, pareceu-lhes que esses sacrificios ficariam estereis para a nação. Até muitos dos proprios individuos, que tinham visto e desfructado os caminhos de ferro em paizes estrangeiros, encarecendo com enthusiasmo as commodidades e mais vantagens que tão sublime invento proporciona á humanidade, declaravam que Portugal não podia nem devia aspirar a possuil-os; e que tratasse, e se contentasse, de ir construindo estradas macadamisadas. No seu entender os caminhos de ferro eram obras de luxo e não instrumentos de riqueza e civilisação.

D'est'arte se anuviou o horisonte politico, rebentando logo a tempestade em todo o genero de opposições e embaraços ao commettimento que devia marcar em nossos annaes o começo de uma era de renascimento nacional.

Os que medem a importancia d'essa primeira via ferrea pela extensão que attingiu, chegando apenas ao Carregado, desconhecem completamente o alcance politico d'este melhoramento material. A medida da sua importancia está nos effeitos moraes que produziu.

Esse caminho de ferro, começado ás portas da capital e lançado através da parte mais populosa da provincia da Estremadura, mostrou praticamente, apesar da sua pequenez, as immensas vantagens d'essas vias de communicação accelerada. E desde esse momento foi-se operando uma revolução salutar na opinião publica. Aquelles que iam desfructando essas vantagens não podiam eximir-se a entoar os louvores d'ellas, e as suas vozes, echoando por todo o paiz, fizeram com que os habitantes das cidades e dos campos, olhando em torno de si e lastimando-se do estado das suas estradas, se unissem em férvidos desejos e instantes supplicas para que o governo lhes concedesse algum d'esses melhoramentos, que levantam do abatimento e chamam á vida do trabalho e da riqueza as povoações decadentes.

Foi assim que as idéas da nação, até alli absorvidas na politica, exaltadas e transviadas pelas paixões partidarias, e como taes fortes para o mal e impotentes para o bem, convergiram natural e espontaneamente para as questões concernentes ao progresso e desenvolvimento do paiz.

Desde então assentou-se a ordem publica em bases seguras. Por mais que algum partido, uma ou outra vez, em horas de exacerbamento de ambições, tenha diligenciado excitar os animos e provocar a revolta, agitando questões politicas, tem achado fria e indifferente a nação, porque esta hoje, felizmente, vendo a liberdade assegurada, reserva todo o seu calor e enthusiasmo para requerer aos poderes publicos alguma obra util, ou para a applaudir e se congratular quando a alcança.

Não ha cidade, nem villa, nem aldeia que não pense e se esforce por se ver ligada aos grandes centros populosos e industriaes por algum ramal de caminho de ferro, ou, pelo menos, por alguma boa estrada macadamisada. Por esta fórma tomou a nação a si o encargo de dictar os programmas ministeriaes, e vida ephemera tem as administrações que se descuidam ou se demoram em os cumprir.

Podêmos, pois, dizer afoitamente, que o caminho de ferro de Lisboa ao Carregado foi a pedra fundamental d'esse grandioso edificio do progresso, na construcção do qual andâmos trabalhando, com actividade, e que já vemos dignamente representado em mais de 800 kilometros de vias ferreas, em perto de 3:000 kilometros de estradas macadamisadas, em numerosas pontes, algumas d'ellas magnificas, e em muitas outras obras de reconhecida utilidade publica.

Cabe ao sr. Fontes Pereira de Mello, então ministro das obras publicas e da fazenda, e hoje encarregado d'esta ultima pasta, a gloria d'esse grande feito; verdadeira façanha, não pela idéa inicial, que outros antes d'elle a tiveram, esforçando-se debalde para a fazer triumphar; mas sim por ter tido a fortuna de a realisar, luctando e vencendo resistencias e obstaculos que pareciam n'essa epocha insuperaveis.

D'esse primitivo commettimento, de que nos resultou vermo-nos já ligados com a Hespanha por um caminho de ferro, e em breves dias com toda a Europa, serve de padrão o magnifico edificio que a nossa gravura representa, embora seja de construcção moderna, pois que se levanta esplendidamente, como arco triumphal, á entrada da via que é o tronco principal e commum aos caminhos de ferro de norte e léste.

(Continúa) I. DE VILHENA BARBOSA.

UM AMOR DE PAGEM

I

ONDE O LEITOR É INICIADO N'ALGUNS DOS GRAVES MYSTERIOS DA POLITICA DOS NOSSOS AVÓS

Principiára havia pouco o mez de janeiro de 1729. Andava Portugal todo alvoroçado, porque n'esse mez se havia de realisar um dos grandes acontecimentos de que então dependia a sorte dos reinos. N'essa epocha, em que os monarchas eram proprietarios absolutos do territorio sobre o qual imperavam, e, juntamente com o territorio, do povo que o agricultava e fazia render por mercê especialissima do soberano, cujo eram lavoiras e lavradores, o mais leve successo da vida particular dos reis podia exercer uma influencia enorme sobre a existencia de milhões de creaturas humanas. Umas vezes um casamento regio era para um paiz a aurora da tranquillidade; outras vezes nos fachos do hymeneu, como diziam os poetas do tempo, accendiam-se os fachos da discordia. Assim, os negocios politicos da Europa reduziam-se a uma *comedia burgueza* representada pelos monarchas. Os arrufos de familia do Olympo, que nos tempos homericos punham em confusão o ceo e a terra, continuavam a produzir o mesmo effeito nas coisas d'este mundo, com a differença que o Olympo aproximára-se dos pobres mortaes, e assentava nos terraços de Versalhes, nas cúpulas do Escurial, nos torreões dos paços da Ribeira. Como não havia a epocha de ser mythologica, se então, como nos tempos heroicos, era um franzir de sobr'olhos de Jupiter quem fazia estremecer o mundo; e se o sobr'olho continuava a franzir-se a pedido de Venus, quer essa Venus se chamasse Montespan ou Maintenon, Dubarry ou Pompadour?

Não admira, pois, que Portugal estivesse alvoroçado, visto que n'esse mez de janeiro de 1729 estava para se effectuar o casamento do principe D. José, filho de D. João v, e herdeiro do throno, com a infanta D. Marianna Victoria, filha do catholico rei Filippe v, e, ainda mais, o casamento do principe hespanhol D. Fernando, que havia de reinar depois debaixo do nome de Fernando vi, com a infanta portugueza D. Maria Barbara, filha do devoto e prolifico monarcha que os nossos dignos e polvilhados avós tinham n'esse tempo a suprema dita de possuir por soberano.

Findára havia uns bons quinze annos a guerra da successão de Hespanha, e a Europa descançava das longas fadigas a que a tinham arrojado as tresloucadas ambições de Luiz xiv. Almanza e Denain haviam salvo a monarchia franceza do abysmo a cuja beira a tinham impellido os talentos militares do principe Eugenio e do duque de Malborough, auxiliados pela manifesta incapacidade dos successores dos Catinats, dos Vaubans, dos Condés, dos Turennes, dos Luxembourgs. O marechal de Villars e o duque de Berwick tinham poupado a humilhação ultima ao seu velho monarcha, e (notavel coisa!) d'esse mar de desventuras onde todos julgavam que se afogaria Luiz xiv, o nadador audacioso, surgia elle de subito, e chegava a porto de salvamento sem ter desaferrado, apesar das agonias do naufragio, a preza cubiçada. Filippe v era definitivamente rei de Hespanha.

Depois, como se, por um supremo esforço de vontade, Luiz xiv tivesse repellido a morte até ver triumpharem as suas armas, e, chegado esse instante, sentisse desfallecer-lhe o alento, soltava um suspiro de allivio, e descia a final as escadas da sepultura. O sol, que tomára por emblema, sumia-se no occaso; mas, antes de se atufar nas vagas da eternidade, desassombrava-se das nuvens que haviam entristecido a tarde do seu longo dia, e, rutilando no occidente com vivido esplendor, ainda mais uma vez deslumbrava a Europa. Preito e homenagem ao sol moribundo da realeza! Não surgirá mais no firmamento senão com o pallido fulgor dos dias nebulosos! Ao longe, no horisonte oriental, surge timidamente, raiando com levissima luz, outro sol, que será em breve mil vezes mais esplendido, o sol da liberdade!

Depois d'esta lucta sanguinosa todos os contendores tinham tido indemnisações, excepto este pobre e desgraçado Portugal, que fôra de certo o que menos vantagens tinha a tirar do triumpho. O duque d'Anjou estava rei de Hespanha, o seu rival Carlos iii subia ao throno imperial allemão, a Inglaterra consolava-se do codilho de Almanza com a magnifica vasa de Gibraltar, o duque de Saboya pescava n'estas aguas turvas o seu titulo de rei da Sardenha, e Portugal, depois de ter tido a honra de ver as suas provincias da fronteira assoladas, o seu thesouro esgotado, os seus batalhões dizimados, nem sequer conseguia que se resolvesse favoravelmente a eterna questão dos limites da America! Era bem feito.

Era o castigo justissimo d'essas campanhas impoliticas emprehendidas por D. Pedro II, levadas a cabo por D. João V. Ainda hoje é problematico o interesse que os nossos governantes tinham em que el-rei de Hespanha se chamasse Carlos, em vez de se chamar Filippe. Animava-os talvez n'isso um sentimento patriotico. Filippes se chamaram os tres anjos maus, a cujo sopro se esphacelára o immenso imperio lusitano; os reis de Portugal não podiam consentir que no throno hespanhol outro Filippe se sentasse. Mas, segundo parece, nem havia mesmo n'isso questão de rancor pessoal. Assim que se assignou o tratado de Utrecht, D. João V acceitou, com todas as mostras de affabilidade, a realeza de Filippe V, convidou-o para padrinho de um dos seus filhos, e a final não cabia em si de jubilo quando o habil José da Cunha Brochado, que tem um certo nome na nossa historia litteraria, conseguiu que se realisasse o duplo casamento que noticiámos aos nossos leitores logo no principio d'este capitulo. Este evangelico esquecimento das injurias era realmente para enternecer todos os corações bem formados! Não havia em Portugal uma só pessoa que se não deliciasse com tal acontecimento; mas os pobres e mutilados veteranos do marquez das Minas achavam que esses casamentos se podiam ter feito da mesma fórma, sem ser necessario que elles deixassem as pernas e os braços, e milhares dos seus camaradas a vida por esses campos de batalha da peninsula hispanica.

Em dinheiro não fallemos; o sr. D. João V era um monarcha cheio de imaginação, que não precisava de guerras para dispender grossas quantias. Quando não consumia o dinheiro dos quintos em polvora, balas e petrechos de guerra, lá achava alguma coisa que substituisse esses meios de pôr em circulação o numerario. Umas vezes era o patriarchado de Lisboa, outras vezes o convento de Mafra, outras a capella de S. João Baptista, outras vezes tambem o aqueducto das Aguas Livres. *Autant de pris sur l'ennemi*, diz o proverbio francez. Logo que sua magestade fidelissima não podia estar um instante sem gastar sommas enormes em obras de apparato, sempre alguma coisa lucrava o paiz quando o capricho do monarcha o impellia a fazer obras de utilidade publica. Mas que os advogados officiosos do sr. D. João V encham a boca com o nome pomposo d'esses edificios grandiosos, d'onde algum proveito resultava a Portugal, é o que a historia séria não póde admittir. D. João V foi um monarcha essencialmente egoista; nada fez que não tivesse por motivo a satisfação de sua vaidade; que essas magnificencias aproveitassem ou não ao povo, pouco lhe importava. Sustentar o contrario é o mesmo que asseverar que o dono de uma quinta mande fazer os seus magnificos tanques só para que a agua que d'elles trasborda vá dar vida e viço ás hervas rasteiras que verdejam em torno das marmoreas bacias.

Ora o aqueducto das Aguas Livres foi perfeitamente uma ironia, foi um insulto á miseria de Portugal. Que D. João V se envolvesse na sua purpura régia, adornada com todos os diamantes que os mineiros desentranhavam do solo virginal do Brasil, entendia-se; era uma consequencia logica do caracter do monarcha; mas que lançasse esse manto magnifico sobre o cadaver pustulento do misero Portugal, que estava servindo de repasto aos corvos britannicos, é o mais descarado insulto que se tem arrojado ás faces de um paiz. Portugal sem estradas, sem canaes, sem industria, sem agricultura, e com um aqueducto como só os romanos seriam capazes de conceber e de executar, nas epochas em que sulcavam a vasta superficie do imperio com as suas magnificas vias militares, parecia-se devéras com o sepulchro branqueado que serve de texto á conhecida parabola do Evangelho.

D. João V foi em tudo um raio que caíu n'esta boa terra, e que desmoronou as torres arruinadas, mas ainda de pé, do edificio do velho Portugal. Foi, para assim dizermos, um predecessor do terremoto. A sua influencia moral foi ainda peior do que os seus desacertos governativos. Tudo se acanhou durante o reinado d'este monarcha de espirito estreito. A litteratura perdeu totalmente a pouca virilidade que lhe restava. O monarcha era frivolo, frivolas foram as preoccupações de todos quantos o rodeiavam. Aspirando a imitar Luiz XIV, não conseguiu, como todos os imitadores, senão reproduzir o lado defeituoso do caracter do grande rei. O respeito escrupuloso da etiqueta, que era em Luiz XIV uma consequencia do seu caracter despotico, foi a feição predominante do caracter de D. João V. Aquelle, da mesma fórma que impunha aos seus subditos a obediencia completa nas grandes coisas que emprehendia, impunha-a tambem nas pequeninas ceremonias da corte. D. João V, como não tinha grandes coisas que emprehender, limitava-se a exercer o seu despotismo na limitada esphera das pequenas coisas que o seu espirito abrangia. Pois não lhe faltaram homens idoneos para tudo. Diogo de Mendonça Corte-Real, D. Luiz da Cunha, Alexandre de Gusmão, Cunha Brochado. Mas em que empregava elle estas altas capacidades? Suprema vergonha da monarchia portugueza! No tempo em que na Europa se debatiam tão grandes interesses, a habilidade diplomatica de Alexandre de Gusmão era aproveitada para obter da corte de Roma que fosse permittido ao patriarcha de Lisboa usar superhumeral, e aos beneficiados da patriarchal habitos prelaticios! Como os astutos cardeaes romanos se haviam de sorrir para dentro, quando recebiam do habil enviado portuguez o dinheiro com que o monarcha os dispunha favoravelmente para se conseguirem estas importantissimas mercês!

As ceremonias do casamento de D. Maria Barbara e de D. José são talvez um dos factos historicos mais importantes d'este reinado, cuja magnificencia, tão apregoada pelos nossos complacentes historiadores, não é, como a magnificencia da litteratura d'essa epocha, senão uma vã tumidez, um inchaço politico. Apparato, apparato, apparato, e nada mais! Mantos doirados sobre cadaveres, erudição sobre ninharias, vastas combinações diplomaticas sobre futilidades! Não me desdigo pois; este duplo casamento é um dos factos mais importantes do reinado de D. João V. Nas ceremonias que os solemnisaram se vê retratada ao vivo a indole do tempo. Encontraram ellas um historiador digno do assumpto; foi um honrado dominicano, fr. José da Natividade, o mais erudito idiota que jámais viu a luz em terras portuguezas, sem desfazer nos dignos frades que escreveram as especies de juizos criticos que precedem o livro com o titulo de *Approvação do Santo Officio, etc.* O bom do monge possuiu-se do assumpto, e trata de todas essas sumptuosas frioleiras com a magestade de Tito Livio, narrando a fundação da republica romana. É muito para a gente se rir o enthusiastico lyrismo com que o homem entôa o louvor dos arcos de papelão e das pontes de madeira que se construiram para a passagem do cortejo, e a sinceridade com que elle dá o pomposo nome de oitava maravilha do mundo... adivinhem a que?... Ao palacio de Vendas-Novas!

O romancinho que se vae ler, e a que este primeiro capitulo foi sorrateiramente servindo de prologo, passa-se no meio d'estas curiosas festas, e tenta levantar uma ponta do véo que encobre essa epocha tão proxima de nós, e, comtudo, tão pouco estudada. Não aspira ás honras de romance historico, procura ser apenas um esboceto onde appareçam, levemente desenhadas, algumas das figuras mais curiosas do tempo; e, como seria uma barbaridade occupar tanto tempo aos leitores sem pelo menos lhes desimpedir o sce-

nario, dir-lhes-hemos que já damos como concluidos os preliminares dos casamentos; que passâmos para diante da curiosa scena de etiqueta que tantos embaraços promoveu em Lisboa, quando o marquez de los Balbazes, embaixador de Hespanha, não sabia como remediar o aperto em que os dois lanços de escada do palacio do conde de Redondo, onde estava alojado, punham a sua dignidade [1]; que damos como promulgado o curioso decreto do perdão de presos, em que D. João V, o rei freiratico, o amante das monjas de Odivellas, exclue do perdão concedido pela sua régia benevolencia aquelles cujo *crime for o terem penetrado nos mosteiros de freiras com proposito deshonesto;* como terminada a viagem da familia real portugueza até á fronteira; e, finalmente, como resolvida a importante questão que fez suar o topete aos ministros das duas coroas, quando se tratou de saber o modo como os dois monarchas entrariam na sala destinada á sua entrevista, sem que um segundo, só que fosse, de precedencia de qualquer d'elles offendesse o formidavel orgulho do filho de D. Pedro II, ou do neto de Luiz XIV.

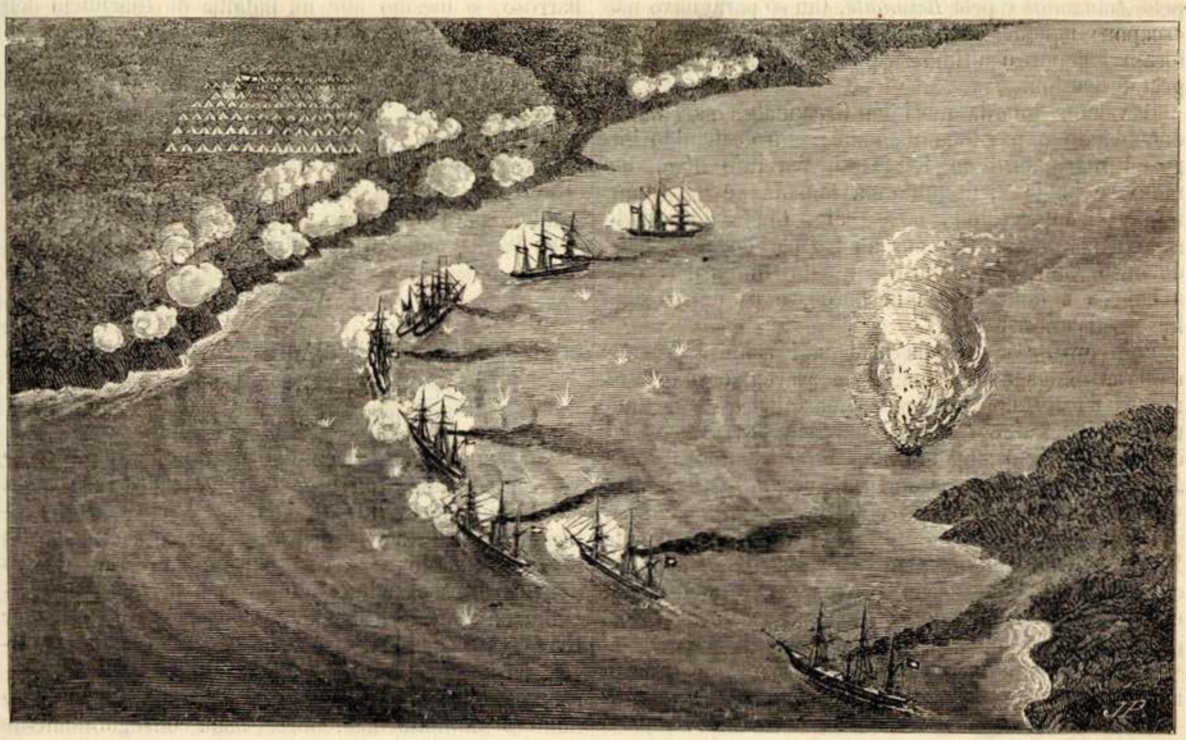
E, dito isto, pedimos licença para fazermos subir o panno.

(Continúa) M. PINHEIRO CHAGAS.

GUERRA DO BRASIL

A ESQUADRA BRASILEIRA FORÇANDO A PASSAGEM DAS MERCEDES, NO RIO PARANÁ

Na guerra em que o imperio do Brasil anda empenhado ha um anno com a semi-selvagem republica do Paraguay, tem-se dado importantes episodios e notaveis acontecimentos, todos dignos de admiração, mas de bem differente natureza.



A esquadra brasileira forçando a passagem das Mercedes, no rio Paraná

Dos feitos de armas brasileiros nenhum ha, até hoje, que dê tão glorioso renome ao Brasil como o que teve logar nas aguas do rio Paraná em o dia 11 de junho de 1865, junto ao ponto denominado Riachuelo.

A acção entre as duas esquadras (brasileira e paraguaya) começou depois das nove horas da manhã, e só terminou depois das quatro da tarde.

A esquadra brasileira era commandada pelo intrepido chefe de divisão Francisco Antonio Barroso, brasileiro adoptivo, mas nascido em Portugal, que se portou com uma bravura e sangue frio dignos de admiração.

Felizmente, o chefe teve um imitador em cada official, e um émulo em cada simples soldado ou marinheiro. Póde dizer-se que Barroso foi o primeiro heroe d'aquelle famoso dia.

Os vapores inimigos, que não foram mettidos a pique ou aprisionados, fugiram rio acima.

O *Amazonas*, navio chefe, foi o rei d'esta lucta de sangue e de morte. Outros vapores brasileiros se distinguiram muito, e nomeadamente o *Parnahyba*, que foi abordado por tres vapores inimigos, dando-se no seu convez uma batalha terrivel.

Pelejára-se a ferro frio, braço a braço. O numero dos brasileiros era muito inferior ao da horda paraguaya; mas nem por isso deixaram de combater pela gloria da sua patria e proveito da civilisação com o maior denodo e sangue frio.

A lucta toma proporções agigantadas; o momento é solemne e desesperado; o bravo commandante da *Parnahyba*, capitão-tenente Aurelio Garcindo Fernandes de Sá, vendo quasi perdida a esperança de salvar o seu navio e a sua gente, communica a alguns officiaes a resolução que tomára de sepultar-se e aos seus companheiros de armas nas aguas do Paraná, antes que entregar-se aos seus inimigos.

Tão corajosas e nobres acções não precisam de commentar-se.

[1] A scena a que se allude aqui já foi revelada aos leitores do *Archivo*, se nos não falha a memoria, pelo nosso erudito collaborador o sr. Vilhena Barbosa. Foi o caso que, devendo o marquez de los Balbazes fazer a sua entrada publica na corte, foram-n'o buscar os coches do paço, indo o conde de Assumar para o conduzir á presença de D. João V. Ora a etiqueta mandava que nem o embaixador désse um passo sem o conductor se apear, e que nem o conductor se apeasse sem que visse o embaixador. Mas, como o palacio do conde de Redondo tinha dois lanços de escada, era inexequivel o decreto da etiqueta. Este problema poz em agua todas as cabeças da corte. A final resolveu-se que a carruagem fosse para a porta do jardim, onde o embaixador a esperaria.

A fatal ordem foi abraçada calorosamente pelos poucos a quem foi communicada, e n'um momento transmittida ao official immediato, o primeiro tenente Filippe Firmino Rodrigues Chaves. O corajoso escrivão de segunda classe, José Corrêa da Silva, dirigiu-se ao paiol da polvora, com um charuto acceso, para lhe lançar fogo.

A explosão seria instantanea, e da *Parnahyba* e sua brava guarnição, assim como dos inimigos a seu bordo, em pouco não existiriam mais que fragmentos de cadaveres e de madeira!

Corrêa da Silva parou um momento, não porque a coragem o abandonasse, mas porque não queria perder tantas e tão preciosas vidas senão no ultimo momento de desesperança.

Foi uma inspiração divina! De repente ouvem-se os gritos: Viva o Imperador! Viva a nação brasileira!

A limitadissima guarnição do vapor toma novo alento, reveste-se de coragem, e em breve é soccorrida pelo *Amazonas* e pela *Belmonte*. Um só paraguayo não escapou; aquelles que alli mesmo não succumbiram, foram exhalar o ultimo suspiro nas turvas aguas do grande Paraná.

O valente guarda marinha Greennalgh succumbiu defendendo o pavilhão nacional; e o destemido imperial marinheiro de 1.ª classe Marcillio Dias, que tanto se havia distinguido na tomada de Paysandú, immortalisou-se ainda n'esse dia. Chefe do rodizio raiado, e accommettido por quatro paraguayos, abandonou-o sómente quando o seu sabre tinha decepado a cabeça a dois d'esses barbaros, e os outros dois lhe arrancaram a vida.

Dois novos vapores da armada brasileira demandam as aguas do Paraná, ornados com os gloriosos nomes d'estes dois intrepidos marinheiros, cuja memoria vingarão em breve. Tambem um grande encouraçado, feito em um dos estaleiros do Rio de Janeiro, tomou o nome do grande chefe d'esta maravilhosa acção naval, e já seguiu a esteira dos outros.

Os paraguayos perderam n'esta acção o almirante Meza, e 1:200 combatentes entre mortos e feridos. O commandante Robles ficou prisioneiro, e foi recebido e tratado na camara do chefe Barroso com as attenções devidas á sua patente.

O Brasil perdeu cerca de 300 bravos, de tropa e marinhagem.

Não deixaremos de descrever, entre tantos episodios gloriosos d'esse memoravel dia, um dos que mais admiração nos causou, e que tanto merece a nossa sympathia.

O commandante da *Araguary* é um dos officiaes brasileiros d'aquella campanha de mais coragem e sangue frio, e foi o proprio que do natural desenhou a estampa que illustra este artigo.

Desejando incendiar um navio inimigo, disse:

— Preciso de seis homens valentes para uma commissão arriscada: quem o for salte á canôa.

Foi uma confusão: todos queriam ir. Escolhidos seis marinheiros e mais o guardião Antonio de Sousa, partiu a canôa, por entre uma chuva de balas, a lançar fogo ao navio inimigo.

A guarnição ficou a orar por elles, diz um contemporaneo. Deus ouviu-a. Voltaram incolumes e cobertos de gloria.

Onde os grandes feitos navaes em que se praticaram rasgos de mais coragem, de mais patriotismo?

Tinham apenas passado sete dias, tempo mais do que sufficiente para se repararem os damnos causados na esquadra, quando o chefe Barroso teve conhecimento de que o inimigo tinha fortificado a barranca do rio junto a Mercedes, com o fim de impedir o transporte de carvão e generos alimenticios para a esquadra, collocando-a assim em imminente perigo.

O distincto chefe não trepidou um só momento, e dispoz-se a forçar aquella estreita passagem, para fundear em logar mais seguro.

Tomadas as cautelas e prevenções que o caso exigia, só ficou no tombadilho a gente indispensavel para a manobra dos navios e da artilheria.

Os bancos de areia que obstruem o rio de um e outro lado, foram causa de que a esquadra tivesse que passar proximo da barranca, descrevendo a semicurva que se vê na estampa.

A' barranca estava guarnecida de grossa artilheria, além da tropa de infanteria que se achava postada a coberto de uma estacada, e que com a artilheria fazia um fogo mortifero sobre a esquadra imperial, que por sua parte lhe respondia com *generosidade*, indo algumas das suas granadas levar a morte ao proprio acampamento inimigo, que na estampa se vê além das estacadas que resguardam a tropa.

O quarto vapor (contando do que segue na avançada) é o celebre *Amazonas*, com o pavilhão do chefe Barroso, o mesmo que na batalha de Riachuelo deu tantas *picadas* nos navios paraguayos, que alguns foram a pique e outros ficaram assás arruinados.

A esquadra passou este perigoso passo sem grave prejuizo de vidas, ao passo que o inimigo soffreu mais do que era de esperar, pela boa posição em que se achava.

Foi mais um dia de gloria para a armada imperial, e talvez para o imperio.

S. Paulo, outubro de 1865. JULIO DE AROUCK.

OS EDITORES ANTES DA INVENÇÃO DA IMPRENSA

TRADUCÇÃO DO JORNAL LITTERARIO INGLEZ
«THE CORNHILL MAGAZINE»

Foi sempre geral a opinião de que a litteratura se viu embaraçada com graves difficuldades relativas á sua publicação e vulgarisação, durante os seculos anteriores a toda a edade média. Poucos e caros eram necessariamente os livros, porque não eram muitos nem curiosos os leitores, o que em parte se deve attribuir á grande difficuldade que havia de alcançar livros. Até quando as grandes agitações das polemicas religiosas e politicas excitavam vivamente o desejo da leitura, o vagaroso processo das cópias, e o numero diminuto dos leitores, fazia conseguintemente com que os livros fossem poucos, e esses de preço muito elevado.

Bastante se tem escripto sobre este assumpto, do qual me occupo agora para advertir apenas que o juizo que se tem formado do estado da litteratura na edade média, por uma bem natural, ainda que impropria, generalisação, se estendeu a Roma, onde se presume que condições simlhantes deveriam produzir resultados tambem similhantes. Mas é de notar aqui o erro singular de suppor que eram similhantes essas condições. Se eu dissesse que havia em Roma, no tempo do imperio, editores que poderiam quasi rivalisar com as acreditadas firmas dos nossos dias, tanto na importancia de suas emprezas como na barateza de suas publicações, o leitor suspeitaria, com razão, que eu estava gracejando com um paradoxo, ou exaggerando de má fé. Mas sem ir tão longe, sem nivelar os copistas com a imprensa, sem insinuar que Attico, Doro ou Triphão dariam muito nas vistas em *Albermale Street*, *Paternoster Row* ou em *Cornhill*, penso que se póde demonstrar, sem perigo de errar, não só que a opinião geral relativa ao estado da litteratura é oriunda da idéa anticipada de que não havia imprensa, e é totalmente falsa pelo que respeita a Roma, mas tambem que os editores romanos desenvolveram immensa actividade, fizeram muitas edições baratas e tiraram consideraveis interesses.

Sendo egualmente demorada e dispendiosa a producção dos livros, é obvio que os leitores de cada obra deveriam por isso mesmo ser poucos, e até que os escriptores mais acreditados teriam de esperar que passassem muitos annos para correrem as mãos de todos. Porém agora nada ha mais evidente para quem estuda a litteratura romana, do que terem os auctores populares um publico muito numeroso, serem lidos não sómente em Roma e nos circulos mais selectos da Italia, mas em todos os dominios do vasto imperio. A não tomarmos por mera chocarrice a jactancia dos poetas, só assim, de feito, podêmos entender Marcial, Ovidio e Propercio, quando, fallando de suas obras, dizem que são conhecidas «em toda a parte do mundo [1].» Nem se cuide que usam simplesmente d'estas vagas expressões. Affirmam que são lidos por homens e mulheres, velhos e moços, em Roma e nas provincias, nas ilhas Britannicas e nas Galias, no senado e fóra d'elle. «Nas mãos e nos bolsos, diz Marcial, me traz por hi toda a gente.»

Laudat, amat, cantat, nostros mea Roma libellos:
Meque sinus omnis, me manus omnis habet [2].

Attentemos a esta menção, feita pelo poeta, da popularidade das suas obras, porque a só notoriedade d'esses poemas podia ser derivada de outras causas, especialmente das conferencias publicas. Horacio falla com desgosto, e na verdade com bem pouca delicadeza, da repugnancia que lhe fazia ver os seus livros espalhados pelo vulgo [3]; e adiante veremos como as edições baratas estavam então em voga e ao alcance de todas as pessoas.

Tinha, por certo, o povo romano muitos meios de conhecer todas as obras populares, sem todavia as comprar. Havia livrarias e conferencias publicas, gratuitas umas e outras, ás quaes toda a gente concorria tão pressurosamente como hoje afflue aos *meetings*. Offerecem-nos um curioso quadro da vida romana estas conferencias, a que dava origem o natural, imperioso e algum tanto impertinente desejo dos auctores, especialmente dos poetas, lerem as suas producções a uma roda escolhida de alguns amigos, antes de as exporem á luz da publicidade, e de se aventurarem a correr o risco do favor das multidões. Mas sempre que os amigos desejam ler reciprocamente os seus escriptos, podêmos dizer que isto, se não é proveitoso, é de certo muito innocente. Porém quando essas leituras, como frequentes vezes succede, saem fóra dos circulos onde ha amizade, ou pelo menos delicadeza e cortezia, similhante pratica, com ser egualmente improficua, é até certo ponto desagradavel, e chega a ser fastidiosa, como actualmente está acontecendo na Allemanha, onde não só se recitam, com a maior franqueza e generosidade, poemas inéditos, mas até, ao menor convite, tereis de soffrer com paciencia a leitura dos que já foram publicados ha longo tempo. Molière devia ter sido victima d'estes mimos, como se vê dos seguintes mui felizes versos:

Le défaut des auteurs, dans leurs productions,
C'est d'en tyranniser les conversations,
D'être au palais, au cours, aux ruelles, aux tables,
De leurs vers fatigants lecteurs infatigables [4].

Depressa se converteu este uso n'uma instituição em Roma. Nos banhos e em outros logares publicos raras vezes deixava de haver algumas leituras inesperadas; e além d'estas havia conferencias solemnes, dispostas e preparadas com antecedencia, a que assistiam os imperadores, alguns dos quaes até liam as suas proprias composições. Conta Plinio em uma de suas cartas, que raro fôra o dia do mez anterior em que não houvesse conferencias. E como estas eram gratuitas, nunca deixava de ser numeroso o auditorio. Taes occasiões eram, sem dúvida, deliciosas para os auctores. Ovidio lamenta-se no exilio de não ter a quem ler os seus versos, e de lhe faltarem assembléas enthusiastas e animadoras para estimularem a sua energia abatida.

[1] Martial: *Epig.* lib. I. 2; III. 95; V. 13. Seria demasiada imprudencia a repetição d'esta phrase, se não houvesse motivo para tal vangloria. Ovid. *Trist.* IV. 9 e 10 — ameaça fazer com que os seus louvores e os seus queixumes percorram toda a superficie da terra: «desde o oriente até ao occidente, e para além dos mares, se ouvirão os ais dos meus lamentos.» Coteje com Propercio: II. 18, e em qualquer outra parte.

[2] *Epig.* lib. VI. 61.

[3] *Sat.* I. 4, 71.

[4] *Les Femmes Savantes*, act. III. sc. V.

A existencia d'estas conferencias, e o muito que eram concorridas, prova o interesse que o povo romano tomava pela litteratura. «Apinham-se as multidões, diz Juvenal, para ouvir a doce voz de Stacio, todas as vezes que elle, derramando a alegria na cidade, marca o dia para a leitura da *Thebaida*. Tal é o encanto com que elle captiva os animos, e a delicia com que o escutam as turbas! Mas apesar da força dos applausos, que até chega a quebrar os bancos, tanto enthusiasmo não evitará a fome [1].»

Não olvidemos que o publico d'aquelles tempos era essencialmente indolente. O trabalho era pela maior parte feito por escravos. Os homens livres tinham bem pouco com que occupar o tempo, e, principiando a tomar gosto pela litteratura, tiveram um meio de escapar ao seu immenso aborrecimento.

(Continúa) ALBERTO TELLES.

OS PEDANTES

A palavra pedante designou uma profissão; hoje designa apenas um caracter.

Pedante, synonymo de pedagogo, chamava-se outr'ora ao homem dedicado á instrucção da mocidade. Foram pedantes muitos homens illustres antes de exercerem cargos elevados nas republicas. Na accepção honrosa, haveria tantos pedantes quantos professores; mas no sentido ridiculo é que se póde tomar hoje a palavra.

Guardada a proporção, os pedantes serão porventura menos communs nas escholas. Ha nas escholas muitos sabios que são verdadeiros pedantes; e encontram-se todos os dias nas salas pedantes que são na verdade sabios.

Ha pedantes de mais de uma especie. Por exemplo, os eruditos que, fazendo continuamente ostentação da sua sciencia, só fallam por aphorismos, affirmam por citações, servem-se a miude de termos technicos, e, latinistas, hellenistas e hebraicos em caso de necessidade, tem sempre o cuidado de intercalar na conversação locuções de uma lingua que os circumstantes ignoram.

A ostentação d'estes pobres ridiculos parece-se bastante com a de certos ricassos que, quer seja dia de festa quer não seja, apresentam-se cobertos de sedas e pedrarias, e que tem tanto prazer em ostentar as suas galas quanto ellas foram mais miseravelmente adquiridas.

São tambem pedantes os individuos que, abstendo-se de ostentar a erudição, arrogam-se, comtudo, direitos de homem superior, sem darem provas de superioridade; tomam para com todos o tom do que ensina na presença de quem é ensinado; e que, já affirmativa, já negativamente, mas sempre sêccos e pungentes, decidem sem discutir, e apresentam as suas opiniões como oraculos.

Taes pedantes são mais maliciosos que os outros.

[1] *Curritur ad vocem, jucundam et carmen amicæ*
Thebaidos, lætam quum fecit Statius urbem
Promisitque diem: tanta dulcedine captos
Afficit ille animos tantaque libidine vulgi
Auditur; sed quum fregit subsellia versu,
E surit. *Sat.* VII 82 — 6

Como a presumpção d'elles está na razão inversa da sciencia, cujo vacuo se acharia se padecessem analyse, tem o maior cuidado de conservarem a distancia razoavel qualquer homem que possa julgal-os.

Differentes d'aquelles a que acima nos referimos, estes pedantes impõem-se pelo oiropel com que se revestem.

Havia em Florença um pintor que, para alimentar o vicio de beber, trocava tudo por dinheiro. Convidado para um festejo em casa do gran-duque, que o presenteára recentemente com uma boa casaca de veludo de tres côres, achou-se em grande difficuldade por ter já bebido a casaca. Saíu, comtudo, d'esta difficuldade como homem habil que era. Comprando alguns cadernos de papel cinzento, no qual pintou veludo egual ao que sua alteza lhe déra, vestindo-se tão ricamente como o mais rico dos cortezãos. No camarote onde fôra collocar-se, a casaca realmente illudia; mas o pintor tivera o cuidado de sentar-se de modo que as pessoas que se lhe avisinhassem não conhecessem o estofo de que se revestíra. Assim fazem os pedantes a que nos referimos; tem o artificio de se imporem pela exterioridade, e tambem o de impedirem que se lhes apalpe a casaca de papel.

Manifesta-se a pedanteria assim no silencio como no discurso; assim no tom como nas palavras, e tambem nas posturas.

A paixão dominante nos pedantes, qualquer que seja a sua condição, é a vaidade. Desgraçado do que duvidar da sua infallibilidade, ou do que descobrir a sua nullidade; provocará odio implacavel e não raras vezes mortal.

Quando Gallancio Torticolis, representando os protectores da universidade, tomava a defesa da auctoridade de Aristoteles, combatida pelo douto Ramus, levou este illustre professor aos tribunaes. No entender de Torticolis, o douto Ramus devia ser mandado para as galés, por haver-se *temeraria e insolentemente sublevado contra o principe dos philosophos*, e por querer, além d'isso, que se dissesse *quisquis e quamquam*, em vez de *kiskis* e *kankan*, como era uso. Se não foi para as galés, Torticolis obteve, quando menos, alguma coisa do que exigia; foram supprimidos os livros de Ramus, e prohibiram-lhe que continuasse a ensinar philosophia. Ramus alcançou, porém, que revogássem tal prohibição por influencia do cardeal Lorraine, que *obteve*, diz Bayle, *a absolvição da penna e da lingua* de Ramus. Mas os pedantes depois vingaram-se, como perseguidores a quem não falta a necessaria paciencia para a realisação de um proposito.

Quando occorreu a celebre tragedia de S. Bartholomeu, o professor Ramus, que em religião e philosophia se afastava de antigas opiniões, foi apontado aos assassinos. Escondido por espaço de dois dias em uma adega, segundo uns, e n'um celleiro, segundo outros, julgava ter escapado ao morticinio geral, quando foi descoberto. O miseravel que recebêra dinheiro para o salvar, foi o proprio que o entregou aos inimigos. Estes não se contentaram com degolar o pobre velho mais que septuagenario; o seu cadaver, vergastado pelos estudantes, e na frente dos proprios mestres, foi torpemente arrastado na lama, de eschola em eschola, e depois arremessado ao rio. E tudo isto por causa de *kiskis* e de *kankan!* Estas palavras não eram então para motejos.

É singular o modo como Henrique VIII terminava as suas questões. Este pedante, que, segundo se lê em Bossuet, á parte os erros theologicos, *era um principe completo em todas as coisas*, gostava de argumentar por modo tal, que não tinha dúvida de estabelecer discussão com um pobre homem chamado Lambert. Fôra convocada uma assembléa extraordinaria em Westminster para decidir o ponto controvertido. O rei, vendo que a maioria lhe era contraria, e não querendo mudar de opinião, deu a Lambert a escolha de seguir o seu parecer ou de ser enforcado. Foi assim que um dey de Argel, jogando com o seu visir, lhe dizia que preferisse entre jogar o seu coração ou ser estrangulado. Lambert não jogou o seu coração; foi, portanto, estrangulado.

Henrique VIII raciocinava d'este modo: «O que não é do meu parecer é heretico, e o que é heretico deve ser enforcado; ora tu não és do meu parecer, és heretico, logo, deves ser enforcado.» Era o resultado de ter divergencia com personagem tão logico.

De consequencia em consequencia, Henrique estava para ordenar a degolação de Catharina Par, sua sexta mulher, que tambem argumentava em materia theologica, e não era da opinião régia. Felizmente para ella, a morte não deixou tempo para que o terrivel contendor recorresse ao seu argumento peremptorio.

Jacques I, que Henrique IV chamava *mestre Jacques*, não menos pedante que Henrique VIII, não foi tão cruel. Este outro theologo não era, todavia, terno para com aquelles que differiam da opinião d'elle. Esmagando com o peso do real poder o filho de um alfayate, Jacques ameaçou os hollandezes *com o seu odio e a sua penna* se não expulsassem da universidade de Leyde o professor Vorstius, que, no seu entender, merecia castigo por se inclinar para o socianismo ou não sei que outra seita. O embaixador inglêz recebeu ordem de não tratar nenhum negocio com os estados geraes em quanto se não désse satisfação ao rei, a qual por fim se deu.

Como Jacques tinha a presumpção de fallar correctamente o latim, idioma que obrigára a usar-se na corte, mostrava-se rigoroso n'este ponto com os cortezãos, e um dia riu na presença do embaixador francez, o qual, na vivacidade da conversação, commettêra um solecismo.

— Pois é possivel, disse o embaixador a Buchanan, preceptor do principe, que fizesse d'elle um pedante?

— Um pedante, replicou Buchanan; então sempre fiz do principe alguma coisa!

O reinado d'este pedante não foi absolutamente desgraçado, mas preparou as desgraças do successor. O parlamento recusava-lhe quasi sempre dinheiro. Jacques dizia baldadamente aos representantes da nação:

— Toquei flauta, e não dançastes; entoei lamentações, e não vos enternecestes.

Os deputados riam-se da erudição evangelica, e não aplanavam as difficuldades do rei, que viveu no meio de provações e morreu desprezivel.

Jacques tambem fazia versos. Era mais um ridiculo. As letras a quem os latinos deram o epitheto de *humaniores, humanas por excellencia*, nem sempre humanisaram seus auctores. Carlos IX e Nero tambem faziam versos.

A pedanteria é insupportavel, principalmente no bello sexo. A mulher, comtudo, não está n'este declive senão na edade em que, como diz Lemontey, os academicos e os sacristães as requestam para fazerem d'ella uma divindade ou uma santa.

Houve, todavia, mulheres precoces que se tornaram pedantes na edade dos amores. Tal foi a sra. de Maintenon, de quem Luiz XIV ainda não gostava.

— É uma pedante, que vos tornará pedante como ella, dizia o rei á sra. de Montespain.

Mas Luiz XIV casou com a mulher que desdenhava. Deixaria a sra. de Maintenon de ser pedante? Ou tornar-se-hia pedante Luiz XIV? É certo que Versailles se transformou em Sorbonna. As sabatinas succederam-se ás galanterias de outro tempo.

Deus nos guarde, pois, dos pedantes, das pedantes e da pedanteria. Nos pobres de espirito a pedanteria é um ridiculo. Nos que não o são, é um vicio. B. A.